

MEU CORPO EM UMA PALAVRA: UM ESTUDO DO DISCURSO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A AUTOIMAGEM CORPORAL

Milena Cristina Peres¹ - Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

Kátia Zanvettor Ferreira² - Univap – Universidade do Vale do Paraíba

Yan Bertone³ - Universidade de Taubaté

Milena Bento⁴ – Univap – Universidade do Vale do Paraíba

Leonardo do Carmo⁵ – Univap – Universidade do Vale do Paraíba

Resumo:

O artigo analisa parte dos resultados obtidos a partir da pesquisa “Corpo, gênero e identidade: um estudo sobre a autopercepção da imagem corporal em jovens universitários”. Esta investigação foi desenvolvida com alunas e alunos da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), de São José dos Campos (SP), no departamento da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação (FCSAC), entre novembro de 2018 e setembro de 2019. A pesquisa segue em andamento, agora sendo aplicada, também, a outros departamentos da universidade. Neste trabalho, mostramos os primeiros resultados que levantaram uma série de discussões em questões como gênero, pressão estética, atuação do poder, das ferramentas da tecnologia e das mídias no processo de reconhecimento e aceitação do próprio corpo. Estas questões foram debatidas e pensadas a partir da obra de Foucault (2014) – Microfísica do Poder, a partir da qual buscamos encontrar um possível caminho para entender o que é corpo e de que forma compreendemos este elemento em relação à autoimagem.

Palavras-chave: Corpo. Identidade. Imagem.

Abstract:

The article analyzes part of the results obtained from the research "Body, gender and identity: a study on the autoperception of body image in young university students." This research was developed with students from the Universidade do Vale do Paraíba (Univap), from São José dos Campos (SP), in the Department of the Faculty of applied Social Sciences and Communication (FCSAC), between November 2018 and September 2019. The research is still in progress, now being applied in other departments of the university.

Keywords: Body. Identity. Image.

Introdução

A pesquisa “Corpo, gênero e identidade: um estudo sobre a autopercepção da imagem corporal em jovens universitários”, desenvolvida desde novembro de 2018 pelo Laboratório de Pesquisa e Práticas em Comunicação (Labcom) da Universidade do Vale do Paraíba (Univap) tem como objetivo compreender, por meio de entrevistas estruturadas, como os universitários enxergam os próprios corpos e como os definem. Dois aspectos são centrais para esta pesquisa: o entendimento do conceito de corpo e a compreensão do conceito de autoimagem.

¹ Jornalista e mestranda em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor (Unicamp).

² Professora de Comunicação na Universidade do Vale do Paraíba e doutora em Educação pela USP.

³ Jornalista e mestrando em Linguística Aplicada na Universidade de Taubaté (Unitau).

⁴ Graduanda em Jornalismo pela Universidade do Vale do Paraíba.

⁵ Bacharelado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Paraíba.

Para o entendimento da questão do corpo, partimos do estudo da “História da Sexualidade – O cuidado de si”, de Foucault, em que o autor posiciona a ideia de que enquanto corpos somos controlados em diversas dimensões: sociológica, médica, entre outras, entre as quais também está a dimensão estética. esta, relacionada à questão de gênero. De acordo com Foucault, a sociedade ocidental enxerga o homem virgem como “fraco, frágil e feminino” (FOUCAULT, 1985, p. 143). A correlação que o autor faz aqui do homem virgem com o feminino está sustentado na ideia de que socialmente, o corpo feminino é visto como um corpo insuficiente. Por outro lado, o homem que perde a virgindade, é considerado “forte, fugaz e peludo”, e estaria dentro das condições exigidas para ser um corpo suficiente.

Outra faceta desta discussão que Foucault traz tem relação com a forma em que o poder toma conta de uma sociedade, a ponto de interferir nas escolas e processos que organizam e moldam os corpos. De acordo com ele, o desenvolvimento do poder não se dá, sempre, de maneira violenta. Por exemplo, estabelecer poder sobre o corpo da mulher, exigindo-a que se encaixe em padrões estéticos insustentáveis não é uma relação de poder visivelmente violenta a princípio. Ela vem sutil, por meio de objetos e ferramentas externas, entre os quais podemos citar a mídia, as redes sociais, as dietas, as cirurgias plásticas, e se instala de forma agradável, inserindo os sujeitos em um contexto que diz que o padrão é certo, coerente, melhor (FOUCAULT, 1985).

Com este cenário, nosso intuito nesta pesquisa foi problematizar como os universitários enxergam os próprios corpos. As perguntas direcionadas aos participantes eram as seguintes: Como você define o seu corpo em uma palavra? Por quê?

Os resultados anteriores, referentes à primeira parte desta pesquisa, mostraram que temos uma perspectiva positiva, em que a maioria dos entrevistados demonstrou aceitar o próprio corpo ou falou dele sentindo-se proprietário de si mesmo. Entretanto, a pesquisa também nos mostra que, entre os entrevistados que se sentem desconfortáveis com a aparência física e estética, a maioria são mulheres.

Relacionamos este resultado com o estudo bibliográfico em que Foucault (1985) já problematizava sobre a diferenciação do poder sobre corpos femininos e masculinos e, ainda, em relação à cobrança grande que existe sobre as mulheres e seus corpos. Claro que, neste sentido, devemos considerar que o perfil do público entrevistado é majoritariamente feminino. Entretanto, ao buscarmos nas entrevistas as palavras com que as mulheres definem os próprios corpos na categoria insatisfação, vemos que o contexto ainda é problemático. “Assimétrico, feio, gordo, magro demais, fora do padrão, desproporcional” são algumas das palavras que surgem e nos mostram como a pressão estética sofrida pelas mulheres é forte e machuca.

Dentro deste contexto, buscamos, a partir da linha teórica de Michel Foucault sobre a relação de corpo e poder, estudar questões relacionadas à corpo e autoimagem em jovens universitários, tentando entender quais são os discursos dos jovens universitários sobre os próprios corpos e como esses discursos conformam suas identidades sociais.

1. Metodologia

O primeiro estudo sobre Foucault surgiu a partir do ensejo dos integrantes do grupo de pesquisa de estudar o corpo e suas relações de poder em sociedade.

O perfil dos integrantes do Labcom é majoritariamente universitário, o que levou à ideia de aplicar uma pesquisa para analisar a imagem que os estudantes do bloco de comunicação da Univap tinham de si mesmos e, com isto, aprofundar na fala de Foucault como embasamento teórico, de modo a auxiliar na compreensão dos resultados.

A primeira etapa foi a coleta de dados, feita durante uma noite na universidade, em que os integrantes do Labcom questionaram 50 pessoas, com o pedido para definirem seus corpos em uma palavra e o porquê dessa definição. A gravação das respostas foi feita em vídeo e em áudio, para em seguida separar em categorias e decupar tudo o que foi coletado.

Um instrumento de pesquisa apresenta duas fases: elaboração (ou construção) e aplicação. Para a entrevista, um conjunto de perguntas é elaborado, de forma organizada e sistematizada, tendo como finalidade principal alcançar determinadas informações (SILVA, 2015).

As respostas foram divididas em quatro categorias, sendo elas: insatisfação, aceitação, apropriação e indiferente. A escolha de cada categoria se deu pela percepção dos pesquisadores no momento de analisar a fala dos participantes.

Enquanto a estrutura e categorização estavam em andamento, as discussões teóricas para embasamento da pesquisa não pararam. Estudou-se o corpo e sua relação de poder em sociedade, bem como consigo mesmo, de maneira a estabelecer e esclarecer que a construção da imagem corporal é dada de maneira cultural, estando o corpo sempre presente em um meio social. Para isso, analisou-se a fala de Wolf sobre o mito da beleza e de Foucault, em *Microfísica do Poder*.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador

conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Os resultados obtidos na primeira aplicação da pesquisa foram positivos. A maioria das respostas se encaixou na categoria “aceitação”, ou seja, a maior parte dos que responderam à pergunta se sentem confortáveis com seus corpos.

Ressalta-se, também, que o perfil do estudante do bloco de comunicação foi traçado junto com a coordenadora do curso de jornalismo, por meio de entrevista. De acordo com ela, a maioria dos alunos é jovem, entre 17 e 22 anos, e do sexo feminino. A relação entre estudantes mulheres e homens é de três para um.

Com reuniões semanais sobre discussões acerca do corpo e poder, já com o entendimento do indivíduo tendo sua identidade moldada pela sociedade, buscou-se, após os resultados obtidos no bloco de comunicação da Univap, observar, também, a autopercepção dos estudantes do bloco de educação, artes e psicologia.

A pesquisa, ainda em andamento, encontra-se neste momento na etapa de divisão das respostas da segunda aplicação em categorias. A coleta de dados no segundo processo foi feita da mesma maneira que a primeira, por meio de áudio e vídeo.

O Labcom, hoje, percebe que a aplicação da primeira etapa da pesquisa classificou os estudantes por masculino e feminino, restringindo-se apenas na binariedade ao se tratar do gênero daqueles que responderam à questão proposta. Assim, incluiu-se na Pesquisa Corpo o estudo sobre gênero, uma vez que com isto não haveria maiores limitações acerca deste assunto e também para poder analisar de maneira mais completa a relação de corpo poder no universo tratado na pesquisa.

2. O corpo em Foucault

Neste tópico, discorreremos sobre nossa compreensão a respeito do que significa o corpo com base nas leituras de Foucault, partindo da decisão de que precisamos assumir um entendimento, sustentados na teoria do autor, antes de, de fato, partir para a análise dos dados. Entretanto, antes desta explanação, é válido colocar que não nos apropriamos de nenhuma definição de gênero para concluir este primeiro trabalho da pesquisa porque, a partir das reflexões em grupo, notamos, posteriormente, a necessidade de nos aprofundarmos neste conceito. Por isso, o grupo de pesquisa Labcom Univap está entrando em uma segunda fase da

investigação, em que estudamos gênero a partir de diferentes autores e autoras, para relacionar com os levantamentos de Foucault sobre corpo, e dar prosseguimento nas ações da pesquisa.

Começamos a estudar a partir do livro “Microfísica do poder” (FOUCAULT, 2014), com o capítulo “Poder-corpo”. Logo no início das discussões pós-leitura, nossa compreensão se expandiu e percebemos que a forma com que enxergamos o nosso próprio corpo vai além do que podemos definir unicamente pelo físico. Enxergamos nosso corpo como um corpo social, emocional e biológico, que existe porque existe poder, mesmo que este mesmo corpo passe, num momento seguinte, a lutar contra a regulação que se exerce sobre ele.

[...] O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado (FOUCAULT, 2014, p. 82).

Com esta percepção, entendemos que o poder não só existe de forma vertical, mas tem o seu funcionamento sendo executado em qualquer tipo de relação. Portanto, o poder nos constitui e não é possível pensar em corpo sem pensar neste processo.

Neste sentido, buscando relacionar com a nossa pesquisa, compreendemos que todas as pessoas criam sua imagem corporal com base nas relações de poder que vive. Sejam elas vindas do estado, de instituições da qual convive ou participa, da mídia, de grupos sociais pertencentes ou de outras pessoas. Atualmente, diferentemente do que tínhamos na sociedade disciplinar, temos o poder sendo exercido sob um corpo docilizado, em que o controle é adaptado de maneiras indiretas a partir de diversos dispositivos. Portanto, não temos uma mídia que, diretamente, por exemplo, obrigue alguém a emagrecer. Não temos uma escola que obrigue homens a serem fortes e a nunca chorar. Não temos uma pessoa que, legalmente, possa controlar tudo o que fazemos e cada passo que damos. Mas temos diferentes discursos e relações de poder funcionando indiretamente e deixando consequências em cada corpo afetado.

Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis

regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual... (FOUCAULT, 2014, p. 84).

Foucault problematiza o poder e aponta que ele é mais intrínseco em nós do que imaginamos e que isso influencia em como percebemos o nosso próprio corpo. Para ele, diversos departamentos completamente naturais ao estilo de vida que temos, como a medicina, a psicologia, a política e a nutrição, por exemplo, estão constantemente exercendo poder sob nossas decisões.

Por isso, quando uma mulher afirma estar ‘insatisfeita’ por se sentir ‘gorda e feia’, há muito por trás destas definições. É preciso aprofundar, analisar o contexto e buscar entender tudo o que esta fala carrega. Quando um homem diz que seu corpo é ‘normal’ e que ‘funciona’, existe uma complexa rede de poderes que constroem esses discursos sobre o corpo. É preciso investigar para levantar o que o leva a definir seu corpo como normal, quais pressões sociais ele vive, quais avaliações estéticas faz de si mesmo a partir do que ele vivencia diariamente. Assim, a partir desse complexo teórico, encontramos a necessidade de fazer uma alteração nas categorias que definimos na primeira etapa da pesquisa. A categoria ‘indiferente’ precisa mudar de nome porque, entre tudo que está envolvido na decisão de definir o corpo como ‘normal’, não existe a indiferença.

É um conjunto extremamente complexo sobre o qual somos obrigados a perguntar como ele pode ser tão sutil em sua distribuição, em seus mecanismos, seus controles recíprocos, seus ajustamentos, se não há quem tenha pensado o conjunto. E um mosaico muito complicado. Em certos períodos, aparecem agentes de ligação ... Tomemos o exemplo da filantropia no início do século XIX: pessoas que vêm se ocupar da vida dos outros, de sua saúde, da alimentação, da moradia. Mais tarde, desta função confusa saíram personagens, instituições, saberes... uma higiene pública, inspetores, assistentes sociais, psicólogos. E hoje assistimos a uma proliferação de categorias de trabalhadores sociais... (FOUCAULT, 2014, p. 86).

Ainda sobre as normas reguladoras presentes na fala de Foucault e que levamos para nossas discussões em grupo, temos a questão da dissidência de um corpo dentro da normalização do ideal no contemporâneo estético-funcional. Questionamos assim o que faria um corpo ser considerado dissidente em meio a regras e padronizações presentes em diferente dispositivos em que estamos submetidos no nosso dia a dia.

Observamos, com isso, que um corpo dissidente exerce poder dentro e fora da cadeia normativa das falas e ações do cotidiano. A partir do momento, por exemplo, que um corpo é considerado gordo, ele quebra com a estética de beleza e o culto pelo corpo magro e passa a exercer poder junto a outras falas, vindas muitas vezes de grupos que se identificam da mesma maneira e buscam se integrar na sociedade como iguais.

Desta forma, a dissidência em meio ao empoderamento gordo - utilizando o exemplo acima - dá-se dentro e fora das relações de um poder disciplinar unificado. O corpo não se dissocia totalmente da sociedade, ele ainda é integrante de um grupo maior (humanos), recebe informações reguladoras e disciplinares por meio de diferentes dispositivos do cotidiano, mas a diferença se dá porque, ao obter o poder de fala e sentir-se empoderado, este corpo rompe parcialmente com aquilo que lhe é imposto e passa a se afirmar, mesmo que contra o que lhe é dado como padrão social.

3. Autoimagem

Uma vez que buscamos entender como se dá a autopercepção da imagem corporal em jovens universitários, identificamos ser necessário uma breve contextualização do que significa a autoimagem corporal e como utilizaremos desta concepção, relacionando-a com a compreensão de corpo a partir do autor estudado.

Em uma sociedade construída em diferentes crenças, valores e comportamentos, transmitidos através do tempo e comuns à maioria dos indivíduos, é compreensível, de acordo com Alves et al. (2008), que o ser humano passe a decidir suas ações com base naquilo que é considerado normal em seu meio social.

Segundo os autores, isso significa a “procura incessante de preencher requisitos exigidos pela cultura a qual pertence”. (ALVES et al. 2008, p.2). Ou seja, o processo de construção da autoimagem corporal está associado com os conceitos decididos e impostos pela comunidade em que vive o indivíduo.

Para Adami et al. (2005, apud ALVES et al. 2008, p.2), a imagem corporal é fenômeno humano repleto de complexidades que envolvem aspectos cognitivos, afetivos, sociais, culturais e motores. Já para Mota (2006), a autoimagem está relacionada com o conceito de beleza, que é entendido como qualidade do corpo e construído e idealizado a partir da vivência dos seres humanos por meio da história. “O que se deseja e o que se busca é o impossível, porque a imagem apresentada como ideal não existe numa referência real, mas é construída pela criatividade, pela tecnologia e pelos processos mercadológicos”. (MOTA, 2006, p.10).

Entendendo, a partir de Foucault, que corpo é social, emocional e biológico, a definição ou percepção da autoimagem, tanto dos jovens entrevistados na pesquisa quanto de qualquer outro sujeito, é determinada a partir das vivências do indivíduo e que formará a ele a própria essência. Pode-se referenciar por uma breve relação da filosofia existencialista, do filósofo Jean-Paul Sartre (1978, p.5), “a existência precede a essência”.

Portanto, neste trabalho, entendemos a autoimagem corporal como uma percepção do próprio corpo construída a partir do contexto em que o indivíduo está inserido a partir de sua realidade, vivências, classe social, grupos aos quais pertence e influências que recebe.

4. Os dados

Entre as palavras utilizadas para definir os corpos dos jovens universitários, podemos destacar algumas que apareceram com frequência: “gordo”; “magro”, “feio”, “insatisfação”. Positivamente, também observamos algumas palavras que se repetem: “forte”; “satisfação” e “lindo”.

A seguir, apresentamos uma tabela que representa a forma que encontramos de sistematizar os resultados e as análises, a partir da percepção dos pesquisadores. A tabela abaixo é apenas parte da tabela completa, em que constam as 56 entrevistas detalhadas com as informações de “categoria”, “gênero”, “idade”, “curso” e “percepção do pesquisador”, sobre a fala de cada um dos entrevistados. Na tabela a seguir, apresentamos um exemplo de cada categoria.

Tabela 1 – Categorização

RESPOSTAS POR CATEGORIAS	GÊNERO	IDADE	CURSO	PERCEPÇÃO DO PESQUISADOR
ACEITAÇÃO	MULHER	20	RÁDIO E TV	Demonstrou conforto, felicidade ao definir seu corpo e defendeu amarmos nosso corpo do jeito que ele é.

INDIFERENTE	HOMEM	18	RÁDIO E TV	Demonstra conforto ao responder e ao falar dos pontos positivos e que gostaria de melhorar no corpo.
APROPRIAÇÃO	HOMEM	18	RÁDIO E TV	Demonstrou confiança e certeza na resposta.
INSATISFAÇÃO	MULHER	20	PUBLICIDADE E PROPAGANDA	Define seu corpo com o adjetivo “grande” e faz isso de forma negativa e com insegurança.

Fonte: elaborada pelos autores

Considerações finais

Para concluir, verificamos que, dentre os entrevistados, as mulheres eram maioria na categoria “insatisfação” e os homens na categoria “indiferente”. Enquanto elas manifestavam mais da estética do corpo, pontuando que ele não se encaixa no que é dito como padrão e não se aproxima do perfeito, grande parte dos homens se posicionavam de uma perspectiva mais neutra falando que o corpo era “normal” ou diziam que “funcionava”.

Com esta primeira finalização surgiram diversos outros questionamentos: o que significa ser “normal” ou “funcionar” para um homem? Quais pressões sociais estão presentes nestas fala? Nesta linha de pensamento, observamos que a categoria “indiferente” não é adequada para futuras análises da mesma pesquisa, isto é, quando falamos sobre a percepção de alguém sobre o próprio corpo, “indiferente” estaria em uma determinada categoria de indiferença para o que? Padrão estético definido por discursos de poderes? Indiferente para o grupo social ao qual o indivíduo indagado convive? Determinamos assim, que “indiferente” não é uma característica aplicável.

O mesmo debate surgiu para a resposta “normal”. O que é, ou para quem é, um corpo normal? Como se estabelece um corpo normal ou mesmo indiferente, por meio dos discursos dos entrevistados, a partir de um contexto a qual analisamos por Foucault? Ou seja, como se predispõe uma normalidade de uma matéria ou corpo físico integrado internamente (emocional e biológico) em parâmetros externos, como contexto sociológico - onde o sujeito convive e suas culturas? O que seria corpo anormal para a sociedade de onde vivem os entrevistados?

É nesta gama de informações sobre a percepção da autoimagem corporal de jovens, realizada em uma pesquisa de campo da faculdade de ciências sociais aplicadas e comunicação, que faz-se necessário a análise, pesquisas bibliográficas e estudos de fatores que integram os sujeitos (corpo), partindo para debates e estudos a composição biológica, tecnológica, sociológica e física dos corpos, entre outros aspectos, que podem surgir durante novas etapas da pesquisa.

Referências

ALVES, D.; PINTO, M.; ALVES, S.; MOTA, A.; LEIRÓS, V. *Cultura e imagem corporal*. Motri, v. 5, n. 1, p. 1-20, 2009.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. 28.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

MOTA, Maria Dolores. *De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero*, 2006. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auuspicios_publicaciones/actas_diseño/articulos_pdf/A009.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SARTE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SILVA, Airton Marques da. *Metodologia da pesquisa*. 2ª ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2015.